

BIOGRAFIA DE JOSÉ AUGUSTO PIMENTA (1860-1940)

Por Fernando da Motta¹

Para podermos compreender plenamente José Augusto Pimenta temos, em primeiro lugar, de ver esta figura no seu tempo e espaço.

A infância vivida no Barreiro influenciou José Augusto Pimenta de múltiplas formas que vão muito para além da religião ou da família, como ele gostava de afirmar nos seus escritos. Em criança viu o impacto que as novas ideias de industrialização, implementadas em Portugal a partir de meados do século XIX, poderiam ter sobre uma vila atrasada como o Barreiro era antes da chegada dos caminhos de ferro:

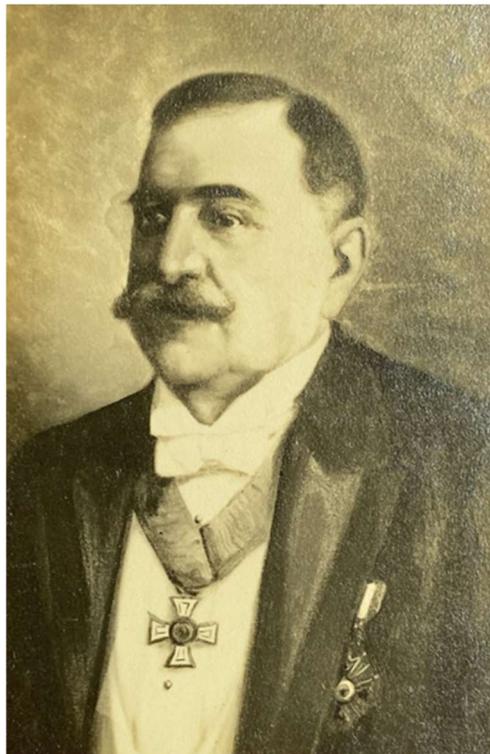


Fig. 1 – Retrato de José Augusto Pimenta (c. 1930).

"Chegou enfim ao Barreiro. Quem há ali que não conheça aquele formoso pedaço da margem esquerda do Tejo? Para leste do pontal de Cacilhas, dizia em 1853 o sr. Bordalo no «Guia do Viajante em Lisboa e seus Arredores», há a povoação de pescadores do Barreiro, o país vinhateiro do Lavradio e muitos outros lugares até Alhos Vedros. Nos dias das festas particulares de cada uma destas terras o seu aspeto é risonho, as suas galas brilham à luz do sol; no resto do ano é miserável a aparência das pobres vilas e aldeias; não pagam em graça ao forasteiro o trabalho da jornada. Uma outra descrição geral de Lisboa, publicada em 1839, ainda se passa mais de leve sobre aquelas povoações. É que então não se ouvira ainda entre nós o silvo da locomotiva, que levanta, desloca, arrasta adiante de si povoações inteiras. Ouvis cantar os carros "assoberbados de abundância" através de novos caminhos? Sentis convulsar a terra sobre os vossos pés? É o comboio que se aproxima. [...] À pouco mais de um século tinha o Barreiro 400 fogos, tem hoje cerca de 900 e 3.400 almas. As casas que eram modestas principiam a afidalgar-se; a civilização, o progresso, ao passarem ali deixaram assentes as suas balizas; os pescadores

¹ Historiador da Câmara Municipal do Barreiro, doutor em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Este trabalho de investigação elaborado em 2024, insere-se na investigação desenvolvida pelo Espaço Memória no sentido de elaborar biografias de diversas personalidades locais.

largam amiúde redes e barcos, salgas e vendas, e cedem às tentações do luxo; enfim, quem atravessa aquelas ruas acontece já muitas vezes ter de se afastar para dar passo às carruagens".

Esta extensa citação, parte de um artigo publicado em 18 de agosto de 1874, a propósito das festas de Nossa Senhora do Rosário, no "Diário Ilustrado", de Lisboa, mostra bem o impacto do caminho de ferro sobre a vila do Barreiro e as esperanças, que na época se colocavam no progresso e no desenvolvimento por ele trazidos.

Perante uma tal situação não espanta o tom otimista utilizado por José Augusto Pimenta em resultado do impacto dos caminhos de ferro:

"A falta de trabalho desapareceu com as grandes oficinas e continuas obras do caminho de ferro, em que se empregam assiduamente muitos centenaes de braços. Todos os dias se veem erguer novas edificações, aumentando o número de ruas, as rendas têm duplicado e, contudo, as casas não sobram, porque a povoação se tem desenvolvido de uma maneira verdadeiramente extraordinária. Os diferentes géneros de consumo, apesar de terem subido já consideravelmente de preço, têm muita procura e fácil exportação. É, em extremo, considerável o grande número de famílias que nos últimos anos aqui têm vindo estabelecer-se, sendo assim muito maior o consumo, girando mais capitais e aumentando, por isso mesmo a riqueza material da povoação".

O desenvolvimento dos transportes e das indústrias no Barreiro mostravam a possibilidade de transformar rapidamente a realidade social e económica de um Portugal atrasado, transformando o país numa nação moderna e desenvolvida. Esta seria a base do pensamento de José Augusto Pimenta ao longo da sua vida. Contudo, inserido como estava na vida social da época, sobretudo de Lisboa e do Barreiro era impossível não constatar rapidamente que a industrialização do país não conduzia de forma alguma a um bem-estar generalizado. Esta contradição trará ao pensamento de José Augusto Pimenta um complemento de ideias que estão bem espelhadas em toda a sua obra. Incapaz de compreender o atraso nacional em toda a sua extensão, o problema para José Augusto Pimenta acabará por residir sempre em vontades individuais mal orientadas, em indivíduos corruptos, em elites que não transmitem os exemplos devidos. Ao longo da sua vida ficará sempre convencido que existindo um governo e industriais capazes de gerar trabalho para as massas de desfavorecidos, a sociedade conheceria um estado próximo da felicidade. Será nesta base que irão surgir mais tarde os seus elogios a Salazar e a Alfredo da Silva.

Esta visão do país e da sociedade, no final da sua vida, que hoje podemos denominar de conservadora, tinha causas concretas em José Augusto Pimenta. De facto, estava ligado por casamento a uma das famílias mais importantes da vila do Barreiro desde o século XVIII – a Casal. Esta família, que nas guerras liberais "flutua" nos apoios políticos, acabou por ser gradualmente arredada dos cargos municipais e de importância local depois da Regeneração de 1851, mas principalmente, depois da instalação do caminho de ferro no Barreiro e do aparecimento de uma nova elite constituída por industriais e comerciantes. Por fim, a implantação da República afasta-os de todos os cargos públicos, inclusive o seu irmão, João Dias Correia Pimenta, o último presidente da edilidade da monarquia.

Por estes motivos, ao biografarmos José Augusto Pimenta é incontornável não falar de outros destacados vultos da sua família.

A família Pimenta do Barreiro encontra a sua origem na mistura de naturais de Lisboa, chegados à vila na década de trinta do século passado, com as famílias mais importantes do Barreiro.

Para tal temos de conhecer os seus primeiros representantes na antiga vila do Barreiro: os irmãos António e Idézio.

António Maria Pimenta, médico de profissão, casou em 28 de dezembro de 1836, com Maria Clementina Alves Casal, filha de Francisco Alves Casal. Este foi, sem dúvida, o primeiro grande momento de inserção dos Pimentas na sociedade barreirense. Faltam estudos sobre a vila da primeira metade do século e só eles permitiriam uma visão do ambiente social onde os Pimentas evoluíram nos seus primeiros tempos no Barreiro. Contudo, podemos afirmar que embora não pertencendo aos naturais da terra, o casamento com uma Casal e a sua profissão de médico devem ter conferido alguma importância social a António Maria Pimenta, possibilitando a vinda e inserção do seu irmão mais novo, Rafael, na sociedade Barreirense.

Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta nasceu em Lisboa, na freguesia dos Anjos em 1815, do casamento do boticário António José Pimenta e Maia, de Vila do Conde, com D. Bárbara Rosa Javier Bustorf, da família Xavier Bustorf do Algarve. Só por alturas do casamento do seu irmão chegou ao Barreiro onde encontrou ocupação ao serviço do Município.

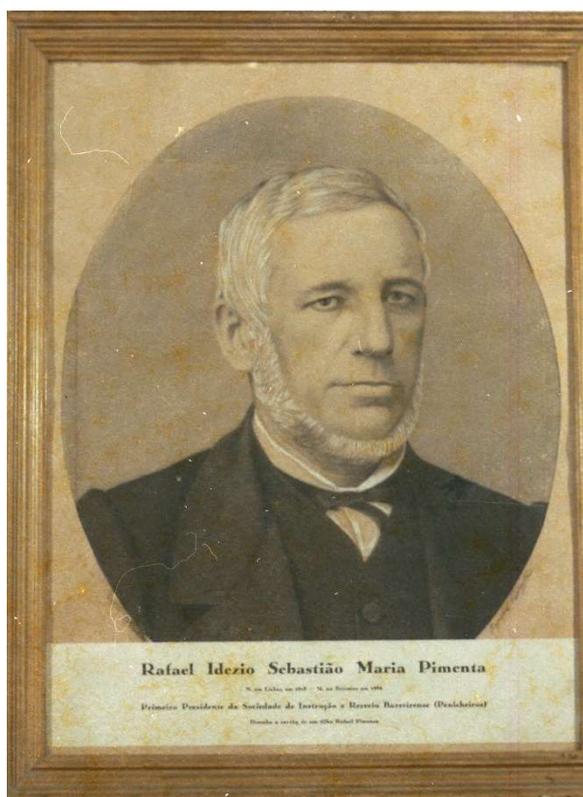


Fig. 2 - Retrato de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta, existente na Biblioteca da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense, desenho em carvão do seu filho Rafael Pimenta.

Dizia-se na família que a seguir a Évora-Monte, tanto este Rafael Idézio Sebastião como o irmão António Maria, desligaram-se de todo e qualquer serviço oficial e foram, certo dia, estabelecer-se na então pequena vila do Barreiro, fronteira a Lisboa, e lançar-se cada qual à vida

prática: o mais velho, António Maria, à medicina; o mais novo, Rafael, à montagem e exploração de uma botica (como então se dizia): a Farmácia Pimenta².

António Maria Pimenta tinha o curso de Cirurgia da Escola Real de Cirurgia de Lisboa, terminado em 1833³ e ainda veio a exercer as funções de cirurgião-mor do Batalhão Nacional Móvel do Malta, um dos corpos organizados a seguir à entrada do Duque da Terceira em Lisboa em 21 de julho de 1833⁴. Quanto ao irmão, Rafael Idézio, segundo Belisário Pimenta, à data da convenção de Évora-Monte teria “apenas os seus 19 anos e julgo-o com idade insuficiente para ter o curso completo e estar militarizado em qualquer dos exércitos combatentes, como é tradição de família. Não conheço a data em que completou os estudos⁵; mas o mais possível e para harmonizar com as tradições familiares é que estivesse adstrito a qualquer secção dos serviços de saúde ou então simples combatente voluntário”⁶. O certo é que Rafael Idézio Sebastião, de estatura regular, olhos pardos e cabelos castanhos-claros⁷, passada a trovada política e assente definitivamente na vila do Barreiro, veio a casar em 29 de dezembro de 1840 com uma senhora de família genuinamente barreirense, chamada Antónia de Jesus Correia, filha de João Dias Correia e mais nova seis anos do que ele.



Fig. 3 - Antónia de Jesus Correia Pimenta, mulher de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta.
Fonte: CMB-Espaço Memória, Espólio A. P. Valegas, Pasta 263.

² Fonte: Pimenta, Belisário - Rafael Pimenta, gravador em madeira - 1850-1931, Coimbra, 1952.

³ Teve o respetivo alvará para poder exercer a Arte Cirúrgica, passado ao 30 de janeiro de 1834 pelo Cirurgião-mor António Joaquim Farto.

⁴ Foi nomeado pela Ordem do dia n.º 185 de 12 de março de 1834 e confirmado por ofício da Inspeção-geral de Saúde aos 18 do mesmo mês.

⁵ Em outubro de 1830 era praticante numa botica da rua Nova da Palma de Lisboa, de Joaquim Feliciano Ferreira, conforme certidão passada com todas as regras.

⁶ Fonte: Pimenta, Belisário - Rafael Pimenta, gravador em madeira - 1850-1931, Coimbra, 1952.

⁷ Segundo certidão tirada do fls. 132, do Livro de matrícula dos praticantes de farmácia a cargo do Escrivão Fiscal do Juízo da fisicatura-mor do Reino.

Registo de casamento de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta⁸ e Antónia de Jesus⁹

«Aos vinte e nove dias do mês de Dezembro de mil oitocentos e quarenta, nesta Freguesia Matriz da Vila do Barreiro, de manhã, as portas da dita Igreja tendo-se observado em tudo o determinado pelo Sagrado Concílio Tredentino e Constituições deste Patriarcado, em minha presença e das Testemunhas abaixo nomeadas, e assinadas, se receberam por marido e mulher, com palavras de presente, Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta e Antónia de Jesus, ele filho legítimo de António José Pimenta e de D. Bárbara Rosa Xavier Bustorf, já falecidos, natural e batizado na Freguesia de São Paulo da Cidade de Lisboa, e ela filha de João Dias Correia e de Tereza de Jesus, nascida e batizada nesta Freguesia de Santa Cruz, aonde ambos são moradores, declaro que o Contraente foi batizado na Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos da Cidade de Lisboa, e não na de S. Paulo, e são ambos solteiros. A que tudo foram Testemunhas presentes João António Gomes, Juiz Ordinário desta Vila e Caetano António, lavrador, e também moradores desta Vila, que comigo assinarão. Dia e era ut supra.¹⁰»

Cinco anos depois do casamento, Rafael inaugurava a sua farmácia na antiga Rua de Palhais. Foi na base desses dois homens, António e Rafael Pimenta, que surgiu no Barreiro do século XIX uma das suas mais prestigiadas famílias locais.

José Augusto Pimenta pertenceria à primeira geração de Pimentas nascidos no Barreiro. O casamento de Rafael Pimenta não foi tão importante quanto o de seu irmão, mas colocou-o entre as pessoas influentes do Barreiro. O seu sogro, não tendo a importância de um Casal ainda assim, devia disfrutar de uma posição de relevo. Isto mesmo atesta o facto de o encontrarmos ao lado de Francisco Alves do Casal na organização das milícias do Barreiro durante o período das guerras liberais, ou ainda quando, em 1838, participa na recuperação da Misericórdia do Barreiro, juntamente com outros influentes locais. Em suma, a inserção social dos Pimentas no

⁸ Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta, com 15 anos de idade já trabalhava na "Pharmácia" de Joaquim Feliciano Ferreira, na Rua da Prata, em Lisboa. Depois de cumprir o serviço militar, veio para o Barreiro, onde casou em 29 de dezembro de 1840 com D. Antónia de Jesus Correia. Na vila desempenhou vários cargos públicos e políticos dos quais se salientam: presidente da Junta da Paróquia da Freguesia de Santa Cruz (1838), escrivão da Misericórdia (1840) provedor da mesma Instituição (1840, 1857/58, 1860/64), administrador do concelho do Barreiro (1851) administrador-substituto (1854), tesoureiro da Misericórdia (1844) tesoureiro do concelho (1855 e 1866), Juiz Ordinário (1856) membro da Comissão de Recenseamento (1867), Juiz de Paz do Barreiro (1868/69), vogal-substituto do Conselho Predial (1876); dirigente do Asilo D. Pedro V do Barreiro e um dos membros fundadores daquela Instituição, em 15.9.1855 e presidiu à Mesa da Assembleia Geral da Sociedade Filarmónica Barreirense em 7 de agosto de 1870. Faleceu em 17 de Março de 1882, sendo o seu corpo sepultado no cemitério público de Santa Cruz, da vila do Barreiro.

⁹ Nasceu no dia 30 de janeiro de 1821, na Freguesia de Santa Cruz da vila do Barreiro, filha de João Dias Correia, alfaiate, e de D. Teresa de Jesus, neta paterna de Custódio Dias e de D. Antónia de Jesus, e materna de Joaquim dos Santos Letra e de D. Justiniana Rosa, todos naturais e moradores do Barreiro. Batizada em 4 de março de 1821, na Igreja Matriz de Santa Cruz, pelo prior Bernardo Joaquim de Faria Ribeiro, teve como seus padrinhos, Graciano Marques, solteiro, e D. Antónia de Jesus. Casou em 29 de dezembro de 1840 com Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta, de Lisboa, boticário, cerimónia solene realizada pelo coadjutor Paulo de Brito e Mello, sendo seus padrinhos João António Gomes, Juiz Ordinário do Barreiro, e Caetano António, Lavrador, moradores na vila barreirense. Do casal nasceram treze filhos, dos quais cinco meninas e oito rapazes; enviuvou em 1882. Faleceu as onze horas do dia 19 de outubro de 1884, na Rua de Palhais (atual Rua do Conselheiro Joaquim António de Aguiar), e foi sepultada no cemitério público do Barreiro, em jazigo da família.

¹⁰ Arquivo Distrital de Setúbal, Registos paroquiais do Barreiro – assentos de casamento. 29.12.1840

Barreiro foi conseguida, sobretudo, através dos casamentos que os colocaram entre as famílias mais importantes da terra nesse período. Contudo, o estatuto económico era bem diferente entre os dois irmãos. Do casamento de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta com Antónia de Jesus Correia nasceram treze filhos, dos quais, só sete atingiram a idade adulta.

Quadro I – Filhos de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta

Nomes	Nascimento	Óbito
João	13.2.1842	27.6.1843
Teresa Amélia Pimenta	24.2.1843	(1)
António Maria Pimenta	7.6.1844	11.7.1930
Mariana	3.11.1846	28.6.1847
Antónia	28.9.1848	31.10.1848
Rafael Idézio Maria Pimenta	3.1.1850	11.7.1931
João	12.5.1852	6.6.1852
João Dias Correia Pimenta	27.4.1853	2.11.1931
Álvaro Xavier Maria Pimenta	29.7.1855	10.12.1934
Maria	27.10.1856	18.10.1859
Antónia	12.11.1858	12.11.1859
José Augusto Pimenta	26.11.1860	31.11.1940
Francisco de Assis Pimenta	4.10.1862	3.8.1914

(1) Desconhece-se a data de óbito. Em 1910 ainda vivia no Barreiro. Fonte: Arquivo Distrital de Setúbal, Registos paroquiais do Barreiro – assentos de nascimento e casamento.

Este elevado número de filhos em nada deve ter ajudado a economia familiar, mesmo no período em que a família vivia com maior desafogo. O próprio José Augusto Pimenta ao longo de toda a sua vida repetidamente aludiu a esta situação e logo na sua dedicatória na “Memória Histórica” deixa disso testemunho:

“É fácil educar e colocar um filho, é difícil instruir sete. Apesar da extraordinária abnegação de nossos pais pelos filhos, que tanto estremeciam, apesar do seu espírito eminentemente educador e dos seus extraordinários sacrifícios, a que jamais se poupavam (...)”.

Décadas mais tarde ainda recordava, ao falar a propósito da educação de seu irmão Rafael, as dificuldades económicas sentidas por seus pais: «(...) o seu pai, apesar de possuir poucos meios de fortuna, não se poupando aos maiores sacrifícios para educar sete filhos¹¹»

O esforço em dar uma boa educação aos seus filhos acabou por dar os seus resultados já que a segunda geração de Pimentas do Barreiro, de uma forma ou de outra, triunfou na sociedade da época. Das suas existências se deixam em seguida algumas breves notas.

Teresa Amélia Pimenta

Nasceu no Barreiro em 24 de fevereiro de 1843, foi a primogénita da família já que o primeiro filho do casal, de nome João, nascido no ano anterior morreu quatro meses depois do seu nascimento. Teresa foi a única filha sobrevivente do casal Pimenta, pois as suas outras quatro

¹¹ *O Povo do Barreiro*, Barreiro, n.º. 52, 31.1.1935

irmãs faleceram todas na sua infância, mostrando que a mortalidade infantil, em meados do século XIX no Barreiro, era um flagelo que atingia mesmo aqueles cuja profissão era defender a saúde pública. No seu assento de batismo, passado pelo prior Joaquim do Rosário Costa em 5 de julho de 1843, referia-se a "urgente necessidade" de ser batizada, o que é uma forma de dizer que se temia que viesse a morrer rapidamente. Dela desconhecemos quase tudo. Doméstica, terá vivido sempre no Barreiro e nunca contraiu matrimónio, pois quando da morte de seu pai, em 1882, ela é representada pelo seu irmão João Dias Correia Pimenta, e embora na altura tivesse já 39 anos de idade o seu estado civil declarado é ainda o de solteira. Não conseguimos encontrar a data da sua morte, mas sabe-se que, em 1907, ainda estava viva pois quando do funeral da sogra de José Augusto Pimenta, Maria Joana Casal Pimenta da Cunha, referencia-se uma coroa de flores com a seguinte missiva: «Saudade e gratidão de Teresa Pimenta¹²».

António Maria Pimenta



Nasceu a 7 de junho de 1844, tendo sido, tal como sua irmã «batizado em casa por necessidade» o que foi feito pelo então prior de Santa Cruz, José Vicente Ferreira, tendo como padrinhos Francisco Alves Casal e a parteira da freguesia, Ana Maria. A sua infância e juventude são completamente desconhecidas. Casou com Ana Maria da Silva, natural de Miranda do Corvo e foi pai do coronel Belisário da Silva Pimenta (1879-1969) a quem o Barreiro deve a descoberta na Torre do Tombo da sua Carta de Vila manuelina que, em 1936, José Augusto Pimenta divulgaria no jornal «O Povo do Barreiro». A sua educação não deve ter atingido níveis superiores, mas ainda assim conseguiu depois de uma passagem por Coimbra e pelo Funchal (Rua dos Ferreiros, n.º. 170), terminar a sua carreira, em Viseu, como funcionário superior dos Correios e Telégrafos. Faleceu em Coimbra, na Rua de Tomar, freguesia da

Sé Nova, a 11 de julho 1929, devido a problemas cardíacos, sendo sepultado no cemitério da Conchada daquela cidade. José Augusto Pimenta deveu-lhe importante auxílio na conclusão da sua educação liceal e escolheu-o, entre todos os seus irmãos, para padrinho do seu casamento.

¹² *Correio da Noite*, Lisboa, n.º. 8292, 3.1.1907

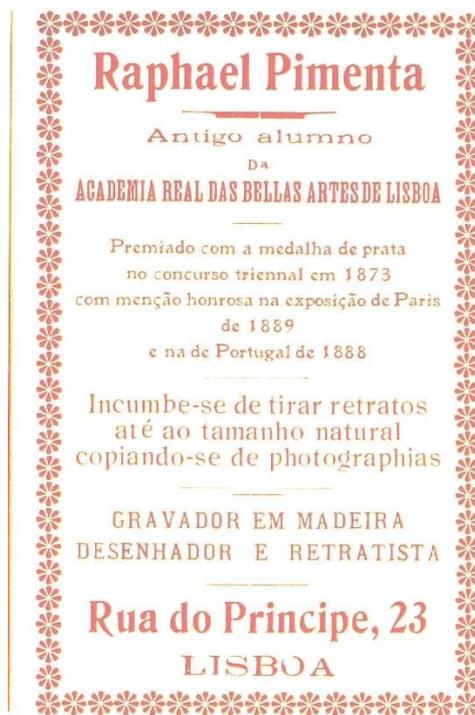


Fig. 4 – Anúncio dos trabalhos de xilogravura de Rafael Pimenta (1890).

No número comemorativo do 50º aniversário do jornal "O Século", podemos ler sobre esse artista barreirense, que depois do declínio da atividade de gravador se tinha empregado naquele jornal, as seguintes e elogiosas afirmações: «O gravador Rafael Pimenta é um dos mais antigos trabalhadores de "O Século". Além dos prêmios escolares que obteve, foi premiado em todas as exposições a que concorreu. De entre os nossos artistas gravadores diplomados, Rafael é um dos mais antigos e distintos».

No dia 2 de agosto de 1953, na sede da S.I.R.B. "Os Penicheiros", o coronel Belisário da Silva Correia Pimenta¹³ proferiu uma conferência sobre a vida e obra de seu tio, Rafael Pimenta (1850-1931). Essa homenagem integrava-se na Exposição Artística realizada nos "Penicheiros" e dela extraímos os seguintes apontamentos:

“(...) Foi, pois, uma vida exemplar de trabalho de que o Barreiro poderá sentir orgulho e até enternecimento. Numa terra de tais características honrar um trabalhador será ato de normal justiça. Noutros tempos, a pequena Vila labutava em diferente sentido, eram mais ou menos, o mar, o sal e a pequena lavoura que absorviam a ação dos seus habitantes; hoje, é mais vasta, muito mais, a amplitude dessa atividade - e por esta Exposição se vê que a faina industrial, as ocupações ferroviárias, o comércio e o desporto não a absorveram por completo e deixam que os olhos se voltem para motivos menos prosaicos e até com que se cultive a Arte, como refúgio certamente para as agruras e incertezas do tempo.

¹³ Belisário Pimenta (3.10.1879 – 10.11.1969) Coronel. Deixou abundante e precioso espólio literário que, por disposição testamentária, legou à Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra. Foi filho de António Maria Pimenta, chefe da estação de telégrafo da cidade de Coimbra, natural do Barreiro, e de Ana Maria da Silva, natural de Miranda do Corvo. Os seus avós paternos foram Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta, natural de Lisboa, da freguesia de São Paulo e Antónia de Jesus Correia Pimenta natural do Barreiro e os seus avós maternos foram Manuel Caetano da Silva e Leonor Casimira Silva Pinto ambos naturais de Miranda do Corvo.

E por isso, a homenagem que hoje se presta a Rafael Pimenta ao mesmo tempo que se enquadra a sua obra com trabalhos artísticos dos seus patrícios por nascimento e patrícios por adoção - é mais uma afirmação de vitalidade desta Vila porventura mal compreendida e igualmente afirmação de elevado espírito justiceiro. Em frente duma chapa de madeira e com o buril na mão pronto para começar os sulcos maiores ou menores, não terá o artista a mesma ânsia de perfeição que qualquer outro? Como o pintor diante da tela branca? Como todo e qualquer artista perante o começo da obra?¹⁴"

Rafael Idézio Maria Pimenta foi, no período áureo da gravura em madeira em Portugal, um dos seus melhores e mais operosos cultores¹⁵. Um dos seus principais divulgadores e protetores foi o seu sobrinho Belisário Pimenta.

João Dias Correia Pimenta



Quarto filho sobrevivente do casal Pimenta, nasceu no Barreiro no dia 27 de abril de 1851, sendo batizado a 17 de maio com o apadrinhamento de seu irmão António Maria Pimenta e de Ana Maria. Após uma infância no Barreiro foi para Coimbra fazer o seu curso liceal e os estudos universitários necessários para exercer a profissão de farmacêutico e continuar no Barreiro o negócio paterno. Em 1883, a 6 de outubro, casou com Maria Benedita da Costa (1855-1946), filha de António Maria da Costa, ligando-se desta forma à mais influente família do Barreiro nessa época. A sua atividade passou então a dividir-se entre a farmácia, herdada de seu pai em 1882, e a atividade política em que se envolveu cada vez mais. Entrou ao serviço da Câmara Municipal do Barreiro em 27 de maio de 1877, como amanuense, mas rapidamente ascende aos principais cargos políticos tendo sido além de vereador e presidente da edilidade, administrador do concelho (interino)

Durante o período monárquico ocupou no Barreiro os mais variados cargos (como delegado paroquial (1883) ou presidente da Junta Escolar do Barreiro (1886) sendo, na altura da revolução de 5 de outubro de 1910, o presidente da Câmara Municipal. Deixou o seu nome ligado a inúmeros melhoramentos locais entre os quais o início e conclusão do edifício camarário e as principais instituições da vila. Chefe incontestado do partido regenerador no Barreiro, no final da Monarquia, a atividade desenvolvida por João Dias Correia Pimenta para ser retratada em toda a sua amplitude teria de ser objeto de um estudo próprio que não caberá aqui fazer. No dia 2 de novembro de 1931, vitimado por um

¹⁴ *Jornal do Barreiro*, 5.8.1953

¹⁵ Fonte: Pimenta, Belisário - Rafael Pimenta, gravador em madeira - 1850-1931, Coimbra, 1952.

colapso cardíaco veio a falecer na sua residência na Rua Conselheiro Joaquim António de Aguiar, n.º 257, 1º andar.

Foi sepultado, no jazigo de João Teixeira, repousando desde 10 de janeiro de 1933 no jazigo de Família, no cemitério público de Vila Chã, do concelho do Barreiro. Do casamento de João Dias Correia Pimenta com D. Maria Benedita da Costa Pimenta nasceram quatro filhas: Ema (1884-1971), Cesaltina (1887-1954), Maria (1894-1985) e Ana (1896-1990); só se casou Maria com José Francisco da Costa Neves, funcionário público, não havendo descendentes. João Dias Correia Pimenta recebeu a Comenda da Real Ordem de Isabel a Católica, por ocasião da visita ao nosso País do rei D. Afonso XIII, de Espanha, em 1904 (com passagem pela estação ferroviária do Barreiro).

Na freguesia do Alto do Seixalinho, desde fevereiro de 1961, uma rua recorda o seu nome e a sua atividade de longos anos no Barreiro.

Álvaro Xavier Maria Pimenta

Nasceu no Barreiro a 29 de julho de 1855 e recebeu o batismo a 17 de agosto do mesmo ano, sendo padrinhos António Maria Pimenta e Ana Maria. Álvaro Pimenta fez uma típica carreira de funcionário público. Começando por um emprego na Câmara de Lisboa foi, posteriormente, fiscal do Governo na construção do ramal ferroviário de Cáceres, onde continuou como fiscal de conservação até à sua reforma. Instalou-se em Castelo de Vide após a sua aposentação e aí casou em outubro de 1908 com Maria dos Remédios Gonçalves, daquela localidade, onde rapidamente com a ajuda da família da mulher, na qual se contava o pároco da vila, se transformou num dos mais influentes locais (provedor da Misericórdia e diretor do asilo dos cegos, entre outros cargos). A sua personalidade, algo autoritária, trouxe-lhe alguns problemas em Castelo de Vide¹⁶, onde desempenhou vários cargos, sobretudo em associações humanitárias, como na Misericórdia (provedor) e no Asilo dos Cegos (diretor). Veio a falecer em Castelo de Vide, em 10 de dezembro de 1934, vítima de lesão cardíaca, acidente vascular ocorrido no Largo dos Mártires da República, em Castelo de Vide.

Francisco de Assis Pimenta

O último dos irmãos de José Augusto Pimenta, Francisco, nasceu a 4 de outubro de 1862, sendo batizado a 6 de novembro, tendo como padrinhos os seus irmãos João Dias Correia Pimenta e Álvaro Xavier Maria Pimenta, estudantes. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, escolheu a vocação de padre e recebeu as ordens religiosas em Santarém.

Tendo abraçado a vida de padre foi ele quem casou José Augusto Pimenta. Desempenhou o cargo de Padre Capelão dos Marqueses da Foz e era empregado do Ministério das Finanças.

Residia no largo do Carmo, em Lisboa, n.º 18, 2º andar.

Em 1905, ocupou o cargo de tesoureiro do Asilo D. Pedro V do Barreiro.

¹⁶ Recomenda-se a leitura do jornal *O Castellovidense* de julho a agosto de 1910.

A 3 de agosto de 1914, tendo vindo ao Barreiro visitar a sua família, foi atacado de doença súbita, sendo sepultado nesta localidade, no cemitério público, no jazigo de família.

Depois de caracterizarmos resumidamente todos os filhos do casal Idézio e António e antes de nos debruçarmos sobre aquele que é a base desta biografia, não podemos deixar de registar aqueles que morreram ainda crianças (em número de seis). De facto, apesar de Rafael Idézio Pimenta ser farmacêutico e ter acesso a potenciais meios de cura, nada podia fazer contra doenças ou enfermidades que na altura não tinham tratamento e que só bem mais tarde foi criada a vacina.

João (1842-1843) - Nasceu em 13 de fevereiro de 1842 e foi batizado à nascença pela parteira Ana Maria; a 8 de abril desse ano o prior Joaquim do Rosário Costa pôs os Santos Óleos, com João António Gomes por padrinho e como madrinha, N.ª Sra. da Conceição. Sepultado no cemitério da Matriz de Santa Cruz do Barreiro, no dia 27 de junho de 1843.

Maria (1846-1847) - Nasceu no dia 3 de novembro de 1846, batizada em 29 de novembro, na Matriz da vila do Barreiro, pelo prior José Vicente Ferreira, ato apadrinhado por Domingos Quintino de Andrade e Vitoria Maria, tia materna, por quem tocou Tereza de Jesus Pimenta, irmã da Maria (ou Mariana). Faleceu em 28 de junho de 1847 e foi sepultada no cemitério da Matriz do Barreiro.

Antónia (1848-1848) – Nasceu a 28 de agosto de 1848, batizada em sua casa "em urgente necessidade pela parteira Ana Maria". Os Santos Óleos foram postos pelo prior José Vicente Ferreira, de Santa Cruz da vila do Barreiro, sendo padrinho José Maria Lúcio de Oliveira Simões e tocou com a coroa de Nossa Senhora, Ana Maria. Faleceu em 31 de outubro de 1848.

João (1852-1852) - Nasceu a 12 de maio de 1852, no Barreiro. O prior José Vicente Ferreira celebrou o batismo, sendo padrinho António Maria Pimenta e tocou com a cruz de N.ª Sra. Ana Maria, aos 22 dias do mês de maio do mesmo ano. Faleceu em 6 de junho de 1852.

Maria (1856-1859) - Nasceu em 27 de outubro de 1856, foi batizada em 13 de novembro do mesmo ano, pelo padre Francisco António Alves, sendo seu padrinho António Maria Pimenta, irmão da jovem, e madrinha Maria José de Mendonça, de Lisboa. Faleceu a 11 de junho de 1859, nesta vila do Barreiro, vítima de "Bexigas".

Antónia (1858-1859) - Nasceu no dia 12 de novembro de 1858 e foi batizada a 29 de dezembro desse ano na Matriz de Santa Cruz da Vila do Barreiro, pelo prior José Vicente Ferreira, sendo seus padrinhos, António Maria Pimenta, irmão de Antónia e Ana Maria. Faleceu em 18 de outubro de 1859, no Barreiro.

JOSÉ AUGUSTO PIMENTA

Nasceu às seis horas da manhã, do dia 26 de novembro de 1860, na casa dos seus pais, na Rua de Palhais, atual Rua do Conselheiro Joaquim António de Aguiar, décimo filho de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta e de Antónia de Jesus Correia Pimenta. Foi batizado na Igreja de Santa Cruz, às dez horas da manhã do dia 29 de novembro do mesmo ano, pelo prior José Vicente Ferreira e tendo como padrinhos os seus irmãos António Maria Pimenta e João Dias Correia Pimenta.

Foi Barreiro, em mutação graças à construção da linha e estação de Caminho-de-Ferro, que viveu a sua infância e onde, no final, da década de sessenta conclui os seus estudos primários na escola local, como lembrou mais tarde, «... jamais olvidei a minha pobre terra, onde palpitam o primeiro arfar do meu coração, as suas humildes ruas onde dei os primeiros vacilantes passos, a escola onde aprendi as primeiras letras e o templo onde minha santa mãe me ensinou a erguer ao céu e a balbuciar as primeiras preces ao Altíssimo¹⁷».



Fig. 5 - Um dos mais antigos retratos de José Augusto Pimenta (c. 1876).

Em 1907, era ainda mais explícito acerca da sua infância vivida no Barreiro e as influências então recebidas: «... cingimo-nos às velhas tradições, às primeiras palavras que ouvimos em criança e de que alimentamos tão gratas recordações: - Família e Religião!¹⁸»

Esta educação tradicional feita na base do mestre-escola e da família, onde a mãe para além de cuidar do físico cuidava igualmente da alma, ensinando o respeito por Deus e pela Igreja, foi interrompida com a necessidade de continuar os seus estudos em Coimbra. As dificuldades

¹⁷ *O Povo do Barreiro*, n.º 2, 11.2.1934.

¹⁸ "Datas Memoráveis" (*Correio da Noite*, Lisboa, n.º 8362, 29.3.1907).

que a educação de um grande número de filhos, um dos quais surdo-mudo carente de cuidados especiais, levaram o jovem Pimenta ao amparo de seu irmão António, então residente por motivos profissionais naquela cidade. A ajuda dada pelo seu irmão para a conclusão, em 1878, do seu curso liceal de ciências positivas nunca seria esquecida: «Escrevendo na primeira página deste meu insignificante estudo os nomes venerandos de nossos pais, tive tão somente em vista manifestar a indelével saudade que, a despeito do tempo, cada vez mais se avoluma em minha alma. Este trabalho, porém, pertence-te mais do que a eles, por isso to ofereço». Era desta forma que, no início da sua “Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro”, António Maria Pimenta era lembrado pelo importante papel que desempenhou na educação de José Augusto Pimenta.



Fig. 6 – Xilogravura de José Augusto Pimenta executada pelo seu irmão Rafael.

Esquecida, nos seus escritos ou nas referências que, por outros lhe foram feitas, foi a influência coimbrã na formação da sua personalidade e ideias.

Nos anos setenta do século XIX, Coimbra, como centro universitário da época sofria o impacto das ideias renovadoras trazidas na década anterior pela geração de Antero de Quental e Eça de Queirós. As inúmeras questões políticas, sociais e culturais da época acabavam sempre, de uma forma ou de outra, por chegar à cidade universitária isto quando não era a própria cidade a despoletá-las. Foi neste meio, sempre em ebulição intelectual que o adolescente Pimenta acabou por mergulhar. As informações sobre a vida de José Augusto Pimenta, em Coimbra são poucas, mas, mesmo assim, nos seus textos, transparecem algumas indicações de que terá sido bastante influenciado, na sua forma intelectual e política, pela sua passagem por aquela cidade. Um dos seus professores, António Augusto Gonçalves, o mesmo que assinará o prefácio da sua obra sobre o Barreiro, terá sido determinante na construção intelectual do seu jovem aluno: «(...) nosso querido professor e saudoso amigo, de Coimbra, republicano de sempre, António Augusto Gonçalves (...)»¹⁹. Esta relação era já reconhecida em 1886. Nessa altura José Augusto Pimenta chamava-lhe «um nosso particular amigo»²⁰ mostrando que os horizontes do jovem, em Coimbra tinham ultrapassado os limites da sua educação tradicionalista. A sua escolha política, o Partido Progressista, deve datar desse período. A educação recebida no Barreiro durante a infância

¹⁹ «Barreiro Histórico - O Convento de Palhais» (*O Povo do Barreiro*, n.º 69, 6.7.1935).

²⁰ Pimenta, José Augusto, *Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro*, Lisboa, 1886, p. 56.

impedia-o de ser, como António Gonçalves, um republicano, mas a sua passagem por Coimbra impediu, igualmente, a sua adesão ao Partido Regenerador de que seu irmão, João, se tornou um dos principais representantes. O partido progressista, surgido quando José Augusto Pimenta tinha 16 anos de idade, e resultou da fusão ocorrida, em 7 de setembro de 1876, entre os partidos Histórico e Reformista. O novo partido tinha como principais objetivos a criação de uma alternativa credível à hegemonia política dos regeneradores e, ao mesmo tempo, evitar que o descontentamento popular fosse canalizado para o partido Republicano ou para o recém-formado Partido Socialista.



Fig. 7 – José Augusto Pimenta no início da sua vida política (c. 1880).

A necessidade de atrair a classe média e os mais desfavorecidos, camadas profundamente descontentes com o regime simbolizado pelo rei D. Luís, levou o partido progressista a rivalizar em extremismo, nos últimos anos da década de setenta, com as críticas feitas por republicanos e socialistas à política monárquica. José Augusto Pimenta foi decerto seduzido por essa agressividade apresentada pelos Progressistas no seu início. Em 1879, sob a presidência de Anselmo José Braamcamp, surgiu o primeiro governo Progressista e perante a incapacidade de modificar a realidade portuguesa, o extremismo dos primeiros tempos esfumou-se para dar lugar a uma partilha tácita do poder com os Regeneradores. Nesta altura, já José Augusto Pimenta tinha deixado Coimbra para regressar ao Barreiro. O jovem Pimenta aderiu, assim, ao Partido Progressista como a forma mais fácil de conciliar o universo barreirense em que tinha sido criado – conservador - e as preocupações sociais e políticas aprendidas em Coimbra.

Apesar da sua combatividade e da defesa dos mais humildes, o Partido Progressista ao contrário do Partido Republicano, não preconizava qualquer rutura social. Os primeiros textos de José Augusto Pimenta e a própria “Memoria Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro” são

disso mesmo um bom testemunho: «[...] É assim que deviam ser todas [as festas], ao mesmo tempo que servem de regozijo às classes favorecidas da fortuna, servirem de alimento àqueles a quem a adversidade continuamente lança no campo da indigência²¹». As preocupações de J.A. Pimenta com as injustiças sociais do seu tempo surgiram bastantes vezes ao longo dos seus textos, mas, igualmente, a sua incapacidade de criticar os responsáveis por essas injustiças. De facto, Pimenta estava entre a elite económica local e o seu discurso era típico de uma sociedade burguesa que desprezava a maioria das tradições populares.

Contudo, politicamente no Barreiro nunca foi relevante, ao contrário do seu irmão João Dias Correia Pimenta. Esse facto, foi comprovado pelos elogios à sua obra que efetuou um dos principais líderes do movimento republicano no Barreiro, José António Rodrigues²²: «Nós, recomendando este livro aos barreirenses, cumprimos um dever sagrado. É uma honra para esta terra, porque é escrita por um filho da localidade e que aqui goza de gerais simpatias»²³.



Fig. 8 – Retrato de José Augusto Pimenta (c. 1910)

²¹ «Barreiro, 19 de setembro» (*Gazeta da Noite*, Lisboa, n.º 43, 20.9.1881).

²² Nasceu na Freguesia de São Tiago, em Almada, a 6 de fevereiro de 1861, filho de António José Rodrigues e de D. Maria da Piedade Rodrigues; faleceu em 11 de Março de 1918, na Rua Miguel Pais, n.º 2, 19 andar, no Barreiro. Concluiu o ensino primário no Asilo D. Pedro V do Barreiro; frequentou o curso secundário, em Lisboa, mas, por falta de recursos económicos de seus pais foi forçado a desistir. Empregou-se nos escritórios de José Ferreira (Sénior) e depois, na firma de Luís da Costa & C^a. Passou a trabalhar por conta própria, no ramo comercial de comissões e consignações e na sociedade Fernandes & Lopes, no Barreiro. Foi correspondente local dos jornais lisboetas «Trinta Diabos Júnior», «Trinta Diabos», «Folha do Povo» e do «O Século» e no periódico barreirense «O Sul do Tejo». Republicano, pertenceu ao grupo local «Os Oprimidos» com João Baptista Firmino, Ventura Eloy da Fonseca Caeiro, João Elias Ligorne, André Camps Rimbau, José Silvestre, Manuel Martins Gomes Júnior, Alfredo José Azoiano e Francisco Bastos. Associativista nos "Penicheiros" (depois de expulso dos "Franceses" por Joaquim Rosário da Costa) ocupou vários cargos na Assembleia Geral daquela coletividade, onde também foi um amador teatral. O seu funeral em 1918 saiu da residência do seu cunhado Miguel António Lopes (rua Miguel Pais, n.º 2), para o cemitério do Barreiro, sendo o féretro acompanhado pela Direção do Centro Republicano e de grande parte da população local, como uma homenagem ao decano dos republicanos do concelho do Barreiro.

²³ *A Folha do Povo*, Lisboa, n.º 1976, 8.1.1887.

Impedido de opor-se diretamente com seu irmão, desenvolveu outras formas de intervenção, em particular cultural, provavelmente, em resultado da influência de António Augusto Gonçalves. Este professor, nascido em Coimbra em 1848 (onde morreu em 1932), foi docente de desenho, escultor, arqueólogo, crítico de arte. Defensor tenaz da instrução popular a que dedicou boa parte da sua vida, foi um republicano convicto, embora bastante independente nas opiniões que defendia sobre política ou religião. Deixou extensa obra jornalística sobre os mais variados temas, mas onde a História ocupou um lugar de destaque. Assim, de Coimbra, o jovem Pimenta trouxe o gosto da escrita que o levaria ao jornalismo e o amor pela História que seria o principal componente da sua obra literária. Contudo, após a conclusão do curso liceal, o mais importante era a escolha de uma profissão.

José Augusto Pimenta, depois da conclusão dos estudos, na “liberal” Coimbra, foi confrontado com as realidades mais conservadoras do Barreiro que devem ter esfriado o entusiasmo da adolescência. As contradições entre as suas ambições e a realidade em que vivia contradições são visíveis no seu primeiro artigo:

«Barreiro, 19 de setembro (título) - É hoje, pela primeira vez, que tomo a pena para escrever de modo que todos possam ler e, por isso, é grande a minha perplexidade e só com muita dificuldade procuro ligar algumas frases de modo que consiga o meu fim, sem ser condenado ao ostracismo da irrisão pública. Como, porém, o meu interesse é simplesmente tornar conhecida uma ação generosa e nobre praticada por um grupo de indivíduos dotados de sentimentos elevados, seja-me lícito fazê-lo, não só com frases ornadas de pompas de estilo e galas de eloquência porque as não possuo, mas sim como sei e, com a minha humilde inteligência o permite²⁴».

A 30 de setembro apresentou-se no Regimento de Caçadores 2, nas Caldas da Rainha. Apesar de ficar livre do serviço militar, através de justificações de estudante, ficando em reserva territorial até ao ano de 1887. A sua caderneta militar descreve-o, nessa altura, da seguinte forma: «1,67m de altura, olhos castanhos, nariz e boca regulares, cabelo e barba castanho-clara, rosto comprido, cor natural e um sinal na face direita».

Por fim, a 20 de outubro de 1881, iniciava os seus estudos superiores na Escola Politécnica de Lisboa onde esteve até 1887, onde completará algumas cadeiras sem, contudo, completar qualquer curso²⁵. Este jovem de vinte e um anos devia encontrar-se dividido entre a sua vocação pela escrita e a necessidade de um emprego seguro e bem remunerado que lhe assegurasse a existência. O jornalismo, no final do século passado, era uma profissão praticada por muitos, devido à proliferação de jornais em todo o país, mas eram poucos os que dela conseguiam viver.

A morte de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta, seu pai, em 1882 e da sua mãe, em 1884, terá libertado José Augusto Pimenta, para escolhas mais pessoais, levando-o a dedicar cada vez mais tempo à escrita. Em 1886, publica o seu livro onde no final se afirma: «A rapidez com que, independentemente da nossa vontade e por mais de um motivo, nos vimos forçados a concluir, num muito curto espaço de tempo, este nosso estudo, leva-nos a deixar para mais tarde a publicação de um segundo volume (...)»²⁶. Que motivos apressaram José Augusto

²⁴ *Gazeta da Noite*, Lisboa, n.º 43, 20.9.1881.

²⁵ Completou as cadeiras de "Superior Matemática", "Economia Política" e "Desenho", ficando incompletas as de "Química" e "Cálculo Integral".

²⁶ Pimenta, José Augusto, *Memória Histórica...*, p. 116.

Pimenta? A resposta a tal questão parece estar ligada às alterações que nos dois anos seguintes se operaram na sua vida. Em primeiro lugar, em 22 de outubro de 1887, passa a reservista militar e instala-se em Lisboa, na freguesia de S. Mamede; em dezembro ingressa nos Serviços Aduaneiros do Sul da Alfândega de Lisboa como escriturário de tráfego²⁷; e, por fim, em 24 de junho de 1888, casava na Sé Patriarcal de Lisboa com Maria Susana Casal da Cunha²⁸.

O casamento feito com sua prima, Maria Susana²⁹, abriu uma nova página na sua vida. No registo do seu matrimónio, entre as testemunhas, surgiu o nome do conselheiro Tomaz Nunes de Serra e Moura que, ao lado de António Maria Pimenta, serviu de testemunha do consórcio.

²⁷ A duração da sua vida profissional foi de 43 anos, repartidos pelas seguintes categorias: escriturário, em 21.6.1888, ajudante de tráfego, em 2.10.1905, terminando com a de chefe de quadro, de 21.3.1927 a 1930; na sua carreira mereceu diversos louvores, pela sua "competência, zelo e assiduidade".

²⁸ Filha do Coronel António Luiz da Cunha, nascido em Lisboa a 27 de setembro de 1830. Seguiu os estudos no Real Colégio Militar, concluindo o curso em 1846, alistou-se depois no Regimento de Infantaria n.º 16, em 12 de outubro de 1846. Em 1856, durante a terrível epidemia de cólera-mórbus que, com grande intensidade, grassou na ilha da Madeira, prestou serviço, como administrador do concelho de S. Vicente e como Diretor dum Hospital de "cholericos". Sentindo-se já gravemente doente, retirou-se para sua casa no Barreiro, onde sucumbiu vítima de uma lesão no coração no dia 17 de outubro de 1885.

²⁹ Maria Susana Casal da Cunha Pimenta, foi a última descendente de uma das mais antigas famílias barreirenses - a família Casal. Era filha do coronel António Luiz da Cunha (1830-1885) e de Maria Joana Casal Pimenta da Cunha (1839-1907). Neta pelo lado materno de D. Maria Clementina Casal (que foi casada com o cirurgião António Maria Pimenta) e sobrinha em 2º grau de Francisco Alves Casal que foi capitão de Ordenanças do Barreiro, presidente da Câmara e administrador do concelho. Nasceu na freguesia de S. Paulo de Lisboa, em 11 de agosto de 1868, e foi batizada na Igreja Paroquial de Santa Cruz do Barreiro, no dia 18 de outubro desse mesmo ano. Teve como padrinho José Ventura da Cunha, coronel de Artilharia e Governador da Praça de Abrantes, casado, morador em Abrantes, e tocou com procuração sua Francisco Alves Casal, solteiro, proprietário, morador no Barreiro, e madrinha Mariana de Assumpção Moreira Casal, solteira, moradora na vila do Barreiro. A cerimónia solene foi celebrada pelo pároco Joaquim Pereira da Silva. Faleceu na sua residência, no Barreiro, na rua do Conselheiro Joaquim António de Aguiar, n.º 158, no dia 14 de junho de 1960, sendo sepultada no cemitério local, em jazigo de família. Acompanhou José Augusto Pimenta em muitas das suas iniciativas, encontramo-la ligada à atividade das Casas de Trabalho e em inúmeros atos de beneficência. O casal não teve descendentes.



Fig. 9 - Maria Susana Casal da Cunha e José Augusto Pimenta durante o seu noivado (c. 1860)

Serra e Moura simbolizava bem o mundo em que José Augusto Pimenta iria viver nos vinte anos seguintes. Serra e Moura era, para além de Conselheiro, igualmente, Juiz de Relação e Par do Reino, mas também um homem de considerável poder e influência como demonstra o facto de ter conseguido colocar no Barreiro um Julgado Municipal (pelo que recebeu uma rua com o seu nome³⁰). Em resultado desta amizade o Conselheiro passou a frequentar as belas e bem frequentadas praias do Barreiro, como lembrava a imprensa: «Está aqui a banhos o célebre Serra e Moura, aquele sujeito que na ilha da Madeira mandou espingardear o povo indefeso, em cumprimento das ordens da monarquia³¹». Localmente, José Augusto Pimenta era amigo próximo de João Maria de Abreu Moreira, uma das principais figuras dos progressistas³².

³⁰ Atual rua Almirante Reis.

³¹ *A Folha do Povo*, Lisboa, n.º 1876, 11.9.1886.

³² João Maria de Abreu Moreira (1826-1907). Nasceu a 15 de agosto de 1826 na vila do Barreiro, filho de Vicente de Paula Moreira, médico e proprietário e de D. Maria Benedita de Abreu Moreira, de Lisboa. Neto paterno de António Firmo de Figueiredo Moreira e de D. Mariana Teresa dos Anjos, naturais da freguesia de Santa Justa, da cidade de Lisboa e pela parte materna descendia de Alexandre de Abreu e de D. Catarina Maria de Abreu, ele natural de Braga, freguesia de Santiago e ela da freguesia de São João Batista de Castelo de Vide, bispado de Portalegre.

Desempenhou inúmeros cargos políticos na vila barreirense, dos quais se destacam os seguintes: vogal, presidente e administrador do concelho local, Juiz Ordinário e de Paz, e de diversas Irmandades e Confrarias, Provedor da Misericórdia, presidente da Junta da Paróquia, etc., etc. Casou com D. Maria Rosa dos Prazeres Costa (primeiras núpcias) e com D. Maria Gertrudes de Sá, natural de Campo Maior



Fig. 10 – José Augusto Pimenta (4º a contar da esquerda), com a sua mulher (1ª da esquerda) com um grupo de amigos, onde se destaca João Maria de Abreu Moreira (4º a contar da direita), antigo presidente da Câmara Municipal do Barreiro.

Foi, contudo, através da escrita que maiores testemunhos nos deixou a figura de José Augusto Pimenta e entre essa obra surge a «Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro». Esta edição de autor, publicada em 1886 foi a primeira obra publicada sobre a história do Barreiro.

A reação na imprensa local e nacional foi significativa:

Recebemos a Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro, um bom volume de 116 páginas escritas pelo sr. José Augusto Pimenta e prefaciado pelo distinto escritor o sr. António Augusto Gonçalves Neves. É um livro que deve ser lido por todos os barreirenses. Diz o sr. Gonçalves Neves no seu prefácio: "Na época que atravessamos, mais do que nunca, se torna conveniente o levantamento geral de notícias e memórias especiais a cada localidade, que, além de manifestarem a quantidade de energia laboriosa e de recursos para o seu engrandecimento presente, conservem os testemunhos da importância e valia das suas condições no passado. [...] Nós, recomendando este livro aos barreirenses cumprimos um dever sagrado. É uma honra para esta terra, porque é escrita por um filho da localidade e que aqui goza de gerais simpatias.

(*A Folha do Povo*, Lisboa, n.º 1976, 6.1.1887)

(segundas. núpcias). Membro do Centro Eleitoral Barreirenses, em 1877, ator dramático, pertencia à Sociedade de "Os Penicheiros"; veio a falecer no Barreiro no dia 28 de outubro de 1907.

(...) A presente obra é uma minuciosa descrição da Vila do Barreiro, uma das mais importantes do nosso país, não só pelo seu comércio e moderno desenvolvimento, senão ainda pela sua magnífica praia e pela estação términus do caminho de ferro do sul e sueste. Historicamente esta Vila é, também, digna de notar-se, pois era antigamente considerada como que uma espécie de fronteira, onde se recebiam as princesas de Castela, que casavam em Portugal, e os dignatários e embaixadores estrangeiros que, por esta terra, vinham ao nosso país. Esta esmerada edição é ilustrada com duas gravuras, impressas em separado, diferentes vinhetas e inscrições, e prefaciada pelo distinto escritor e professor de Coimbra, António Augusto Gonçalves.

(*A Semana Ilustrada*, Lisboa, n.º 33, 14.6.1888)

(...) E é, ao que nos consta, a mais completa monografia que se tem escrito a respeito do concelho do Barreiro.

(*O Século*, Lisboa, nº. 5704, 28.11.1897).

A sua obra «Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro» esgotou rapidamente, depois do seu lançamento, em 1886. Dois anos depois, já só existiam alguns exemplares à venda em Coimbra, nas livrarias Cabral e Melchiades e em Lisboa na livraria Zeferino ou na casa editora de F. Pastor.

Por essa razão, em 1913, o jornal barreirense «Ecos do Barreiro» iniciava a publicação em pequenos capítulos dessa obra. Infelizmente não passou na página 13 do livro original (publicado entre agosto e novembro), já que este periódico foi extinto.

Novamente, em 1921, foi feita nova tentativa por um periódico de tornar esta obra sobre a história local acessível a todos os barreirenses. Esse papel coube ao «Raio X» que também não passa da página 30 do livro original, quando o jornal fecha a 1 de abril de 1922.

A História não foi o seu único objeto de interesse. Igualmente nos deixou obras como uma tradução da obra de D. Roman de Luna, «A Vingança dos Reis» (dois volumes), publicada em 1888; «O Conselheiro D. João Alarcão, reitor da Universidade de Coimbra», em 1907; ou até ficção, género no qual, Pimenta, de quando em vez, se aventurou e que, no contexto da sua atividade eminentemente jornalística, nos surge como atividade marginal.

Além de ter escrito aquela que durante décadas foi a única monografia do Barreiro, deixou nos jornais de Lisboa vastos apontamentos jornalísticos, ao longo da década de 1880 e seguintes, sobre a vila do Barreiro ou sobre os mais variados assuntos. Revistas como «O Ocidente» (21.5.1891), «Gazeta de Portugal», «A Mala da Europa», «Blanco e Negro» e jornais como o «Diário Ilustrado» (17.10.1886), «A Folha do Povo» (1886), «A Semana Ilustrada» (1888) onde foi diretor ou no «Almach Ilustrado (1893) onde trabalhava o seu irmão Rafael Pimenta, gravador de madeira. Já no final da sua vida, voltaria a escrever nos jornais «Eco do Barreiro» (8.8.1930), no «O Barreiro» (11.6.1933), no «Acção Regionalista» (18.5.1935) ou no «O Povo do Barreiro» (1934-1936)³³.

Em termos históricos, José Augusto Pimenta, escreveu ainda uma extensa obra jornalística no «Correio da Noite» entre 1906 e 1910. Esses artigos, recebendo o título genérico

³³ *Jornal do Barreiro*, ano XI, n.º 531 de 24.11.1960

de «Datas Memoráveis», somam 275 subtítulos onde a História portuguesa, com os seus principais acontecimentos e figuras, era relembrada³⁴. A edição destes artigos em livro parece ter estado nas intenções de J.A. Pimenta, contudo com a implantação da República tal nunca se concretizou. Em 1910 era o administrador de «O Correio da Noite», jornal ligado ao Partido Progressista que se publicava em Lisboa.

Os anos seguintes, até ao final da monarquia, foram repartidos entre várias atividades. O trabalho na Alfândega de Lisboa era dividido por uma comissão de serviço no Governo Civil de Lisboa (1900-1908), onde chegou a integrar o Conselho Regional do Sul das Associações de Socorros Mútuos³⁵ (biénios de 1905-1906 e 1907-1908) e onde foi responsável pela elaboração de um inquérito sobre a constituição e modo de funcionamento das «Ligas de Farmácia das Associações de Socorros Mútuos³⁶». A comissão de serviço foi interrompida a 12 de julho de 1910, devido à possibilidade de ser dispensado do serviço na Alfandega de Lisboa e ser transferido para o Ministério da Fazenda, onde iria trabalhar no gabinete do ministro³⁷. A República baldou este projeto e José Augusto Pimenta ficaria ligado à Alfândega de Lisboa até à sua reforma em dezembro de 1930³⁸.



Fig. 11 - Maria Susana Casal da Cunha Pimenta e José Augusto Pimenta (c. 1900).

³⁴ Segundo Virgílio Ribeiro (2011), foi com 14 ou 15 anos de idade, que o jovem Belisário, inspirado na coluna, titulada «Datas Memoráveis», que o tio José Augusto Pimenta mantinha num jornal, começou a anotar, metodicamente e com indicação das fontes, as datas que ia recolhendo dos sucessos históricos e os elementos biográficos respeitantes a homens que se haviam notabilizado. Acabou por juntar assim alguns milhares de fichas, a que chamava, por se terem tornado elementos indispensáveis de trabalho, os seus «muito queridos verbetes» (Ribeiro, 2011:12).

³⁵ DGLAB-TT, Governo Civil do Distrito de Lisboa, Conselho Regional do Sul das Associações de Socorros Mútuos, Lv.º 34, n.º 27, de 12.1.1907.

³⁶ DGLAB-TT, Secretaria de Estado dos Negócios, Obras Públicas, Comércio e Indústria; Direção Geral do Comércio e Indústria; Repartição do Comércio, 1ª repartição, Lv.º 24, N.º 844, ofício n.º 307 de 28.7.1907.

³⁷ DGLAB-TT, Ministério da Fazenda, Secretaria Geral, 1ª Repartição, Lv.º 25, n.º 839 de 27.5.1908. A dispensa de serviço na Alfândega de Lisboa foi concedida a 18 de agosto de 1910 – Fonte: DGLAB-TT, Ministério da Fazenda, Secretaria Geral, 1ª Repartição, Lv.º 27, n.º 939 de 19.8.1910.

³⁸ *Eco do Barreiro*, ano VIII, n.º 190 de 13.12.1930.



Fig. 12 – José Augusto Pimenta (o primeiro, de bigode, à esquerda) a segurar o pálio da procissão da Invenção da Santa Cruz, na Igreja da Graça, em 1921. Fonte: revista ABC, ano I, n.º 44, de 12.5.1921.

Participou nas «Casas de Trabalho», instituição que visava a recuperação social de indigentes; e no campo religioso, ocupou vários cargos em Irmandades quer em Lisboa, quer no Barreiro. A primeira década do nosso século foi particularmente favorável a José Augusto Pimenta, pois nessa altura o seu nome surge ligado a inúmeras figuras da melhor sociedade chegando mesmo, devido às suas tarefas na Irmandade do Desterro a ser recebido pelo jovem monarca D. Manuel II. Foi, igualmente, nessa época que realizou o sonho de viajar pela Europa, recebendo duas condecorações honoríficas, aquando das visitas de Guilherme II da Alemanha e Afonso XIII de Espanha, a Portugal³⁹.

³⁹ "Cruz da Coroa Real da Prússia" em 28.3.1905, de Guilherme II, rei da Prússia e imperador da Alemanha; "Caballero de la Ordem Espanola de Isabel la Catolica" no dia 29.12.1906, atribuída por Afonso XIII, rei de Espanha.



Fig. 13 – Condecoração da Cruz da Coroa Real da Prússia



Fig. 14 – Condecoração de «Caballero de la Ordem Espanola de Isabel la Catolica».

José Augusto Pimenta, mantinha relações políticas e pessoais com João de Alarcão, reitor da Universidade de Coimbra (onde estudava o seu sobrinho Belisário Pimenta). Contou ele ao sobrinho que, João Alarcão lhe confidenciara que José Augusto Pimenta tinha recusado sempre as solicitações de João Franco para ir para Coimbra, mas não pudera resistir ao pedido que o Rei lhe fizera por carta. Só por esse motivo – porque «o pedido de Rei é uma ordem» – se lançara «na aventura mais insólita da sua vida de político⁴⁰».

⁴⁰ Belisário Pimenta, *A Questão Académica de 1907*, p. 173

Em resumo, nas vésperas da implantação da República em Portugal, José Augusto Pimenta disfrutava uma boa situação económica e social e pensava mesmo na publicação de um livro de carácter histórico⁴¹.

A implantação da República afastou-o de qualquer atividade política, remetendo-se exclusivamente à sua vida particular.

Em 28 de Maio de 1926 a situação política portuguesa muda de novo e José Augusto Pimenta regressa lentamente à atividade empenhando-se, sobretudo, na reestruturação de instituições religiosas no Barreiro: participa na recuperação da Igreja de Santa Cruz e na continuação do culto de Nossa Senhora do Rosário.

A reforma da Alfândega de Lisboa leva-o, ainda mais vezes, ao Barreiro onde de novo participa nos acontecimentos da Vila. É um dos convidados, em 1927, quando da inauguração do Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste; em 1932, faz parte do grupo de fundadores da Associação dos Proprietários do Concelho do Barreiro, e reaparecem artigos seus em jornais locais.



Fig. 15 - José Augusto Pimenta e sua esposa nas termas do Luso, em 1933.

Reaparece na imprensa local barreirense em agosto de 1930, no número especial do “Eco do Barreiro”. Depois, em 1933, a convite de Armando da Silva Pais, que dirigia “O Barreiro” recomeça a sua atividade histórica através de um conjunto de artigos publicados nesse periódico” e, depois, no “O Povo do Barreiro”⁴². A sua colaboração começou no número 10 desse

⁴¹ Apesar da sua biografia na Wikipédia (inspirada na sua entrada da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXI, p. 659) referir a eleição para deputado nas últimas eleições monárquicas, em agosto de 1910, tal não é verdade. Deverá tratar-se de uma confusão com o nome João Augusto Pereira, eleito pelo partido progressista na Ilha da Madeira. No Barreiro, as eleições desse ano foram ganhas pelos candidatos republicanos e da lista dos candidatos monárquicos eleitos a nível nacional não consta o seu nome. O autor da revista «Um Olhar sobre o Barreiro», Augusto Valegas que conheceu algum do espólio apresentado nesta biografia, chegou a endereçar uma carta à diretora do Museu da Assembleia da República, Dra. Teresa Parra da Silva, a pedir a retificação deste erro.

⁴² *Jornal do Barreiro*, ano XI, n.º 530, de 17.11.1960, p. 1

semanário (8 de abril de 1934) numa pequena série de artigos, intitulados «Rebuscando...». Em julho do mesmo ano começou a publicar artigos mais desenvolvidos sobre a História do Barreiro, a que Silva Pais, como o consentimento do autor, denominou «Barreiro Histórico».

Nesta altura a Câmara Municipal do Barreiro propõe-lhe que escreva uma nova monografia sobre a Vila, o que José Augusto Pimenta recusa. Por fim, ainda neste ano, escreve o texto «Uma Retificação» onde se publica um discurso seu que podemos considerar o único documento verdadeiramente político que escreveu. Nele tece os mais rasgados elogios à nova situação política portuguesa que, aliás, até à sua morte em 30 de novembro de 1940 nunca deixa de celebrar como o melhor dos regimes.

José Augusto Pimenta faleceu no dia 30 de novembro de 1940 e o seu corpo, sepultado no cemitério de S. João, em Lisboa, foi trasladado para o Barreiro, sendo colocado no então cemitério de Santa Bárbara e, mais tarde, foi transferido para o jazigo da "Família Casal e Cunha".

Foi o último dos sete filhos sobreviventes de Rafael Idézio Pimenta a falecer.

A Câmara Municipal do Barreiro, por ocasião do primeiro centenário do seu nascimento resolveu dar à antiga Travessa João de Deus o seu nome, justificando então a decisão nos seguintes termos: «José Augusto Pimenta, cidadão barreirense ilustre que se dedicou ao estudo dos arquivos na busca de elementos que lhe permitissem fazer uma monografia a que deu o título de «Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro», e que é o único repositório das coisas e pessoas do Barreiro Antigo. José Augusto Pimenta, que sempre dedicou acrisolado amor à sua terra, teve condecorações e louvores nacionais e estrangeiros. O Barreiro até hoje não lhe prestou a devida homenagem e julga-se oportuno na passagem do seu nascimento lembrar o seu nome aos vindouros e perpetuar a sua memória».

Conclusão

Durante cerca de seis décadas, os estudos históricos no Barreiro foram dominados pela figura de José Augusto Pimenta. A sua «Memória Histórica» torna-se omnipresente em qualquer referência ao passado da então vila do Barreiro. A comprová-lo estão as inúmeras citações em jornais e livros, bem como as tentativas de reedição que durante a 1a. República conheceu.

Vários pontos a favor ou contra esta obra podiam e podem ser apontados ainda hoje. A sua grande obra (da qual planeava publicar um segundo volume, que nunca foi editado) baseava-se em poucos factos ou documentos históricos, por essa razão escolheu alguns aspetos da história local, dos quais tinha fontes orais na própria família. Algumas das suas referências incorretas inseridas na sua «Memória Descritiva», como o nome Barreiro derivar de Barra, a localidade remontar ao início da nacionalidade portuguesa ou que os seus primeiros povoadores foram pescadores algarvios, ainda perduram. Contudo, se não tivesse passado a escrito as “memória familiares” de duas das famílias mais influentes do Barreiro nos séculos XVIII e depois XIX – os Casal e os Pimenta, muita da nossa história se teria perdido. Basta ler com atenção a sua obra, para encontrar elementos que Armando da Silva Pais não referiu nas suas obras, como por exemplo a existência de uma lápide funerária de D. Francisca da Azambuja no Convento da Verderena, ou a localização do palácio da mesma.

Na década de 1930, José Augusto Pimenta, regressou à imprensa com uma série de artigos nos jornais locais, onde acrescentou ou reeditou temas históricos do Barreiro já antes insertos no seu livro. Neste longo intervalo de tempo, unicamente tinha surgido, em 1897, a «Monografia do Concelho do Barreiro» do agrónomo Eugénio Freitas Bandeira de Melo. Este trabalho, iminente técnico, pouco impacto obteve, nem essa seria a sua intenção. Em 1940, no ano da morte de José Augusto Pimenta, surgiu a segunda obra sobre a história do Barreiro. O seu autor, Horácio Alves, hoje pouco recordado, publicava «A vila do Barreiro». Este estudo, considerado pelo seu autor como um ensaio, pouca ou nenhuma influência teve nas abordagens à história do Barreiro que se lhe seguiram. No essencial tentava-se encontrar as origens do Barreiro, situadas pelo autor nas épocas céltica e romana, através da abordagem da toponímia da região.

Os anos quarenta e cinquenta do século XX vão ser o momento de afirmação de Armando da Silva Pais que, inicialmente, com os seus artigos em jornais locais, continuará o trabalho de divulgação do passado do Barreiro começado na década de trinta por José Augusto Pimenta. Iniciava-se desta forma o trabalho que, mais tarde, o levará à publicação da sua extensa monografia.

Armando da Silva Pais não se limitou, contudo, a continuar o trabalho de José Augusto Pimenta, continuou igualmente uma forma de escrever a História do Barreiro. Assim, entre estes dois autores não existe qualquer rutura, mas antes uma continuidade quase perfeita. A tendência moralizadora corrente na época de José Augusto Pimenta, estará sempre presente na escrita de Armando da Silva Pais. A história feita a partir dos grandes acontecimentos, das biografias enaltecidas, dos monumentos que encontramos na «Memória Histórica...» foi a mesma que serviu de base à construção de «O Barreiro Antigo e Moderno». As omissões e distorções que esta forma de fazer história comportam estão igualmente presentes nas duas obras. Armando da Silva Pais só na década de 1970 com a publicação da sua «Miscelânea» se afastou um pouco da sua maneira tradicional de fazer história ao tentar corrigir, embora de forma incompleta, algumas das suas omissões mais gritantes. Nesse último livro o mundo dos operários, por exemplo, entra finalmente na história de Armando da Silva Pais. A influência de José Augusto Pimenta perdurou no tempo através da obra de Armando da Silva Pais, em particular devido à falta de teorização e de metodologia. A «Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro» baseava-se em poucos factos e, por isso, a estrutura escolhida, em capítulos estanques baseados num monumento ou ideia, evitava muitos dos problemas que o desconhecimento da factologia forçosamente sempre acarreta. Ao mesmo tempo, José Augusto Pimenta, não integrava nos seus escritos múltiplos aspetos: os que se ligam ao quotidiano da vila, às suas atividades laborais, etc., antes do século XIX só muito raramente são abordados, pois muitas das ligações temáticas eram dispensadas pelo conhecimento que o leitor tinha sobre os assuntos. Os livros de José Augusto Pimenta e de Armando da Silva Pais, no seu conjunto, tiveram duas consequências importantes sobre a historiografia local: em primeiro lugar, deixaram uma memória de muitos acontecimentos que, doutra forma, se perderiam para sempre, este importante mérito ninguém lhes poderá recusar; mas, em segundo lugar, deixaram igualmente a imagem de um Barreiro já completamente esgotado, do ponto de vista histórico, e, por isso, não tiveram continuadores. Durante perto de vinte anos a História do Barreiro esteve sempre encerrada nos grossos volumes da Monografia de Armando da Silva Pais, como antes tinha estado nas páginas da «Memória Histórica».

Por outro lado, a publicação desta obra criou a ilusão que nada mais havia a investigar sobre o Barreiro, há falta de historiadores ou curiosos pela história que se interessassem pelo

assunto. O próprio Armando da Silva Pais assumia ser um discípulo dos métodos de José Augusto Pimenta (já que se conheceram bem em 1934) e a publicação dos seus quatro volumes entre 1963 e 1971 veio reforçar a ideia de que não existiam novos assuntos a estudar sobre o Barreiro. Contudo, a partir da década de 1980, os trabalhos arqueológicos nos fornos de cerâmica na Mata da Machada e na Real Fábrica de Vidros Cristalinos em Coima, a par do trabalho desenvolvido por Augusto Pereira Valegas, com a edição da revista «Um Olhar sobre o Barreiro», demonstrou mais uma vez que ainda havia mais para investigar.

Anexos

Transcrição de registo de batismo de José Augusto Pimenta

Aos vinte nove dias do mês de Dezembro do ano de mil oito centos e sessenta, pelas dez horas da manhã, na Igreja Paroquial de Santa Cruz da Vila, e Concelho do Barreiro, Distrito Eclesiástico e Diocese de Lisboa, eu o Presbítero José Vicente Ferreira, Prior Colado desta Freguesia, batizei solenemente, e pus os Santos Óleos a uma criança do sexo masculino, a que dei nome de José, que nasceu pelas seis horas da manhã do dia vinte seis de Novembro do corrente ano; filho legítimo primeiro deste nome de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta, Boticário, natural da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos da Cidade de Lisboa, e de Dona Antónia de Jesus Correia Pimenta, natural desta Freguesia de Santa Cruz, onde foram recebidos: neto paterno de António José Pimenta, natural de Vila de Conde, e de Dona Barbara Xavier Bostorff, natural da Cidade de Lagos; materno de João Dias Correia, e Dona Teresa de Jesus Correia, naturais desta vila do Barreiro. Foi Padrinho António Maria Pimenta, solteiro, estudante, irmão do batizado, e tocou por Nossa Senhora João Dias Correia Pimenta, igualmente irmão do mencionado batizado, aos quais todos conheço serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado o presente assento de batismo, que depois de ser lido, e conferido perante os Padrinhos, comigo o assinaram. Era ut supra

Transcrição do registo de casamento de José Augusto Pimenta e de Maria Suzanna Casal Pimenta

Aos vinte e quatro dias do mês de junho do ano de mil oitocentos e oitenta e oito, às onze e meia horas da manhã nesta igreja paroquial de Santa Maria Maior da Sé Patriarcal de Lisboa, na minha presença compareceram os nubentes José Augusto Pimenta e Dona Maria Susana Casal Pimenta, os quais vi serem os próprios com todos os papeis do estilo correntes e sem impedimento algum canónicos ou civil para o casamento, apresentando-me Dispensa do segundo e terceiro grau de consanguinidade, e Provisão autorizando-me a assistir-lhe ao matrimonio nesta igreja o que fica arquivado neste cartório, sendo ambos solteiros, naturais e batizados e paroquianos da freguesia de Santa Cruz da vila do Barreiro deste Patriarcado, ele de vinte e sete anos de idade, proprietário e empregado na qualidade de escriturário do Trafego da Alfandega de Lisboa, filho legítimo de Rafael Idézio Sebastião Maria Pimenta, farmacêutico, natural da freguesia dos Anjos desta cidade e de Dona Antónia de Jesus Correia Pimenta de ocupação doméstica, natural da dita do Barreiro, e ela nubente de dezanove anos de idade de ocupação doméstica, filha legítima de António Luís da Cunha, Coronel do exército, natural desta Sé, e de Dona Maria Joana Casal Pimenta da Cunha, de ocupação doméstica natural da dita do Barreiro os quais nubentes sendo neste ato prestado o necessário consentimento pelo legítimo superior da nubente para suprir a sua menoridade, se receberam por marido e mulher, e por mim autorizado os uniu em matrimónio o Reverendo Francisco de Assis Pimenta, irmão do cônjuge estudante em Direito na Universidade de Coimbra e atualmente morador na vila do Barreiro, procedendo em todos este ato conforme o rito da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana. Foram testemunhas presentes a este ato, que vi serem os próprios, Tomás Nunes Serra e Moura, Conselheiro Juiz da Relação e Par do Reino, casado, morador na Rua de São Vicente à Guia, número trinta e seis terceiro andar, freguesia do Socorro desta cidade e António Maria Pimenta, Diretor do Telegrafo do Distrito de Viseu, casado, irmão do cônjuge e morador na Cidade de Viseu. E para constar lavrei em duplicado este assento, que depois de ser lido e conferido perante os cônjuges, testemunhas e o legítimo superior da cônjuge todos comigo assinaram. Era ut supra. Paroquial da Sé 14 de julho de 1888.

In: Registos Paroquiais de Santa Cruz - Barreiro, livro 8/23, p.7/7vº, Nº. 96 - 29 dezembro 1860 - Arquivo Distrital de Setúbal.

N.º 15 Aos vinte e quatro dias do mez de Junho do anno
 de mil oitocentos e setenta e oito ás onze e
 J.º Augusto Pimenta
 Pimenta al de Santa e Maria da Paiz da Sé Patriarchal de
 e Lisboa, na minha presença compareceram
 D.ª Maria Luiza subscrita J.º Augusto Pimenta e Dona
 Joana Carol e Maria Luiza Carol Pimenta, os quaes
 Pimenta se uniram as proprias com todos os papys
 do estylo corrente, e um impedimento ab-
 gado canonico ou civil para o casamento,
 apresentando-me dispensa de segundo e ter-
 ceiro grau de consanguinidade e Provisão au-
 thorizando-me a assistir lhes ao matrimonio
 nesta igreja, o que foyle foyle archiva de neste
 cartorio, ressaltando ambos solteiros naturais, baptiza-
 dos e foyse foyse da freguesia de Santa Cruz
 da Villa do Barreiro, d'este Patriarchado, elle de
 vinte e sete annos d'edade, proprietario e
 empregado na qualidade de escriptuario do
 Tráfego d'Alfandega de Lisboa, filho legitimo
 de Raphael e Maria Separtião e Maria Pimenta
 pharmaceutico, natural da freguesia da Anja
 dita cidade, e de Dona Antonia de Jesus Cordeira
 Pimenta d'occupação domestica natural da
 dita do Barreiro, e ella nubente de dezoito
 annos d'edade d'occupação domestica, filha
 legitima d'Antonio Luiz da Cunha Cordeira
 do exercito, natural dita da Sé e de Dona
 Maria Joana Carol Pimenta da Cunha
 d'occupação domestica natural da dita do
 Barreiro, os quaes nubentes, sendo neste
 acto prestado o necessario consentimento pelo
 legitimo superior da nubente para a supria
 a uma minoridade, se receberam firmam
 e selo e mulher, e por mim autorizado,

Pa. prohibido
 nos ditos do compo
 mensulino, jul-
 cido em Lisboa
 presença do Bar-
 ro, no dia trinta
 de Setembro de
 mil novecentos
 e sessenta e sete
 e vinte e sete
 anno onze. Em
 ante de Notario
 de mil novecentos
 e sessenta e o Apu-
 dante

se uniu em matrimonio o Reverendo Francisco
 de Alencar Pimenta, irmão do conjuge este-
 dante em Direito na Universidade de Coimbra
 e actualmente morador na Villa do Parricão
 procedendo em todo este acto conformo o rito da
 Santa e Apostolica Igreja Catholica e Apostolica Roma-
 na. Foram testemunhas presentes a este
 acto que se veem as proprias Thomaz Nunes
 da Serra e Moura, Concelheiro, Juiz da Relação
 e Par do Reino, casado morador na Rua de São
 Vicente a Guia numero trinta e seis, terceiro
 andar Freguesia do Socorro dita cidade, e An-
 tonio Alvaro Pimenta Director telegraphico por-
 tal do Districto de Vizeu, casado, irmão do con-
 juge e morador na Cidade de Vizeu. E para
 constar haerem em duplicado este acto, que
 depois de se lido e conferido perante os con-
 juges, testemunhas e o legitimo ufilio
 da conjuge todos comigo assignaram. Era
 tutt infra.

José Augusto Pimenta
 Maria Suzanna Casal Pimenta
 Thomaz Nunes da Serra e Moura
 Antonio Alvaro Pimenta
 Maria Joanna Casal Pimenta da Cunha
 Francisco de Sá Pimenta. Por 3.^o João Fernandes Lampaio

Registo de casamento de José Augusto Pimenta e de Maria Suzanna Casal Pimenta. Fonte: Arquivo Distrital
 de Lisboa, registos paroquiais, Santa Maria Maior – Lisboa, cota: PT-ADLSB-PRQ-PLSB52-002-C23_m0013

Bibliografia

Pais, Armando da Silva (1963), O Barreiro Antigo e Moderno: as outras terras do concelho, editado por Câmara Municipal do Barreiro, Barreiro.

— — — (1966), O Barreiro Contemporâneo. A Grande e Progressiva Vila Industrial, Volume I. Editado por Câmara Municipal do Barreiro, Barreiro.

— — — (1968), O Barreiro Contemporâneo. A Grande e Progressiva Vila Industrial, II Volume. Editado por Câmara Municipal do Barreiro, Barreiro.

— — — (1971) O Barreiro Contemporâneo. A Grande e Progressiva Vila Industrial - III Volume e miscelânea. Câmara Municipal do Barreiro, Barreiro.

Pimenta, Belisário (1958), A Questão Académica de 1907 (manuscrito), Fundo Belisário Pimenta, Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Pimenta, Belisário (1952), Rafael Pimenta, gravador em madeira - 1850-1931, Coimbra.

Pimenta, José Augusto, (1886), Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro, Lisboa, ed. autor.

Ribeiro, Virgílio (2011), As memórias de Belisário Pimenta – Percursos de um republicano coimbrão, Tese de Mestrado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Fontes

DGLAB-TT, Arquivo Distrital de Lisboa, Registos paroquiais de Santa Maria Maior – assentos de casamento

DGLAB-TT, Arquivo Distrital de Setúbal, Registos paroquiais do Barreiro – assentos de casamento

DGLAB-TT, Arquivo Distrital de Setúbal, Registos paroquiais do Barreiro – assentos de batismo

DGLAB-TT, Governo Civil do Distrito de Lisboa, Conselho Regional do Sul das Associações de Socorros Mútuos, Lv. 34, n.º 27, de 12.1.1907.

DGLAB-TT, Secretaria de Estado dos Negócios, Obras Públicas, Comércio e Indústria; Direção Geral do Comércio e Indústria; Repartição do Comércio, 1ª repartição, Lv. 24, N.º 844, ofício n.º 307 de 28.7.1907.

DGLAB-TT, Ministério da Fazenda, Secretaria-Geral, 1ª Repartição, Lv. 25, n.º 839 de 27.5.1908.

A dispensa de serviço na Alfândega de Lisboa foi concedida a 18 de agosto de 1910 – Fonte: DGLAB-TT, Ministério da Fazenda, Secretaria-Geral, 1ª Repartição, Lv. 27, n.º 939 de 19.8.1910.

Imprensa

A Folha do Povo

A Semana Ilustrada

Correio da Noite

Eco do Barreiro

Gazeta da Noite

Jornal do Barreiro

O Castellovidense

O Povo do Barreiro

O Século